

### 3 A Pneumatologia moltmanianna

Neste capítulo desejamos percorrer a trajetória do teólogo alemão Jürgen Moltmann<sup>1</sup>. Enfatizaremos, por ser tratar do tema central desta dissertação, sua reflexão teológica que aborda o Espírito Santo. Nossa proposta é fazer uma leitura de suas principais obras utilizando a Pneumatologia como chave hermenêutica principal. Por este ser um tema reconhecidamente complexo e com uma amplitude reconhecida, nossa intenção é destacar os principais aspectos pneumatológicos de cada etapa de sua produção teológica.<sup>2</sup>

Nossa abordagem acompanhará o desenvolvimento do pensamento de J. Moltmann. Dividiremos esse capítulo, por uma questão didática, entre sua trilogia da esperança<sup>3</sup> e suas contribuições sistemáticas para teologia<sup>4</sup>. J. Moltmann desenvolve a sua reflexão teológica influenciado pelas experiências que vivenciou durante o período que, como ele mesmo relata, esteve “atrás do arame farpado”<sup>5</sup>. Durante esse período a esperança encontrada em Deus foi o que o manteve confiante em um futuro diferente do que estava experimentando. Sua teologia destaca-se por fazer uma leitura escatológica do cristianismo tendo a esperança como chave fundamental de leitura para se compreender a revelação.

No primeiro momento do presente capítulo iremos fazer uma abordagem sobre o modo como o Espírito Santo é pensado por J. Moltmann em suas obras que não são dedicadas diretamente a desenvolver uma reflexão diretamente sobre

<sup>1</sup> Jürgen Moltmann nasceu em 1926 em Hamburgo, na Alemanha. Ele é considerado hoje uma dos teólogos que, certamente, influenciou uma nova abordagem sobre os temas inseridos dentro do tratado da Escatologia. Doutorou-se em 1954. Foi professor de teologia dogmática nas Universidades de Wuppertal e Bonn, até 1967, e também na Universidade de Tübingen, de 1967 a 1994. Sua dolorosa experiência na Segunda Guerra o marcou profundamente, sendo o evento fundante e de sua teologia. Suas principais obras são a “Teologia da Esperança” e o livro “O Deus crucificado”. Sua teologia trouxe importantes colaborações ao cenário teológico ao fazer uma releitura de temas tradicionais e, além disso, promover pensamentos originais e polêmicos. Para mais detalhes sobre a sua vida Cf. BAUCKHAM, R. Jürgen Moltmann, In: FORD, D. (Ed). **The modern theologians**. Cambridge:Blackwell, 1996, pp.209-224; MODIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Paulus; Teológica, 2003, pp.283-290.

<sup>2</sup> A partir desse ponto, ao nos referirmos a Jürgen Moltmann, iremos abreviar o seu primeiro nome.

<sup>3</sup> Nessa primeira etapa do pensamento de J. Moltmann destacam-se “Teologia Esperança” (1964), “O Deus crucificado” (1972) e “Igreja na Força do Espírito” (1975).

<sup>4</sup> O segundo momento da trajetória teológica de J. Moltmann, que é essencialmente mais sistemático, é composto por “Trindade e Reino de Deus” (1980), “Deus na criação” e “O caminho de Jesus Cristo”, por exemplo.

<sup>5</sup> Essa expressão é recorrente nos livros já que J. Moltmann retorna aos dias em que esteve preso, por meio de relatos que conta, para esclarecer que sua teologia nasceu de uma profunda experiência com Deus.

a Pneumologia. J. Moltmann, na primeira etapa de suas reflexões teológicas não está dedicado a formular uma Teológica Sistemática propriamente dita. Em seu primeiro trabalho teológico - e mais conhecido livro – denominado “Teologia da Esperança” (Theologie der Hoffnung) sua preocupação limita-se em fazer uma releitura da escatologia cristã a partir da esperança que é garantida pela ressurreição de Jesus Cristo.

No “Deus crucificado” J. Moltmann desenvolve sua teologia da cruz, abordando a crucificação de Jesus como a prova de que Deus sofre com aqueles que estão sofrendo. Por último, em seu livro, a “Igreja na força do Espírito” ele dedica-se a fazer um estudo sobre a Igreja cristã aprofundando as definições sobre sua função e natureza<sup>6</sup>. Sendo assim, nossa intenção é buscar dentro dos textos de J. Moltmann a maneira como ele desenvolve a relação entre os temas ligados à Escatologia, Cristologia, Eclesiologia e o Espírito Santo.

Num segundo momento, a proposta é apresentar a Pneumatologia moltmanianna em suas obras mais profundas e sistemáticas, isto é, a forma com que J. Moltmann aborda a terceira pessoa da trindade em suas obras que compõem a segunda etapa do seu pensamento teológico. No segundo período de sua carreira como teólogo ele dedica-se a sistematizar os principais temas da teologia - retornando aos assuntos que também desenvolveu nos primeiros livros. O pensamento moltmanianno sobre o Espírito Santo que não foi propriamente desenvolvido em seus primeiros livros ganha um maior espaço nesse período de maior maturidade teológica.

Na última etapa desenvolveremos, a partir das obras essencialmente dedicadas à Pneumatologia, a maneira com a qual J. Moltmann aborda o Espírito Santo por meio de aspectos pastorais que esboçam uma teologia que dedica-se em trabalhar a questão da experiência com o Espírito como ponto central de sua reflexão.

---

<sup>6</sup> MODIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003, pp. 269-275

### 3.1

#### O Espírito Santo na Trilogia da Esperança

“Trilogia da Esperança” é um título que faz referência à primeira etapa do pensamento teológico de J. Moltmann que surge entre 1964 a 1977. A trilogia se iniciou com o lançamento da sua primeira obra de grande expressão, a “Teologia da Esperança”. Esses livros compõem uma abordagem cuja proposta é refletir sobre os temas da morte e ressurreição de Jesus e a Igreja, ou, de maneira diferente porém com o mesmo sentido, “páscoa, sexta-feira santa e pentecostes”. Esses livros não foram pensados cronologicamente, porém existe uma relação entre ambas as obras que, juntas, compõe a “Trilogia da Esperança”.<sup>7</sup>

O objetivo da presente seção do segundo capítulo é fazer uma leitura com enfoque pneumatológico das três obras que constituem a primeira etapa do pensamento de J. Moltmann. Para tanto, iremos percorrer cada obra examinando atentamente os momentos nos quais ele faz uma articulação entre os temas próprios de cada livro e o Espírito Santo. É importante ressaltar, que, por não se tratarem de obras com o objetivo de formularem uma reflexão teológica sobre o Espírito Santo, os títulos da “Trilogia da Esperança” não irão, em praticamente todas as obras com exceção da “Igreja no poder do Espírito”, fazer uma abordagem profunda sobre a pessoa do Espírito Santo.

Dividiremos nossa abordagem, inicialmente, fazendo uma observação sobre a relação entre o Espírito Santo, a ressurreição de Jesus e questões de garantia da promessa de Deus na “Teologia da Esperança”. Em um segundo momento faremos, a partir de “O Deus crucificado”, faremos uma exposição de como a terceira pessoa da trindade é articulada com o processo histórico de Jesus de com J. Moltmann concebe o Espírito Santo como aquele que une Deus-pai e Jesus de Nazaré na cruz do calvário. Na terceira e última sessão da primeira etapa deste capítulo nos concentraremos em analisaremos a maneira como J. Moltmann pensa a relação entre o Espírito Santo e a Igreja a partir da última obra de sua trilogia, “A Igreja no poder do Espírito”.

---

<sup>7</sup> MOLTSMANN, J. **A Igreja no poder do Espírito**. Santo André: Academia cristã, 2013, pp.16-17.

### 3.1.1.

#### O Espírito Santo na Teologia da Esperança

O livro *Teologia da Esperança* foi escrito no ano de 1964 e se destaca entre os diversos livros de J. Moltmann por trazer uma inovadora abordagem sobre a mensagem do cristianismo e a esperança que ela é inerente. Em sua primeira grande obra, J. Moltmann desenvolverá uma teologia que parte do seu desejo de fazer uma releitura da Escatologia tendo a esperança cristã como chave hermenêutica. Sua abordagem será marcada por uma nova forma de buscar compreender os mistérios de Deus através de uma leitura escatológica sobre O mesmo. Elas são, juntamente com o ambiente teológico, político e filosófico o pano de fundo para que as contribuições se desenvolvam<sup>8</sup>. “Nela, o tema da esperança aparece como elemento hermenêutico, levando-a, assim, ao centro da teologia”<sup>9</sup> tendo como base para sua reflexão a ressurreição de Jesus, que é a evidência principal de que as promessas feitas por Deus a todos àqueles acreditam serão cumpridas.

J. Moltmann resgata a esperança cristã para dar uma contribuição dentro de aspectos escatológicos que já estavam fomentados anteriormente à sua reflexão<sup>10</sup>. Ele foi influenciado pela filosofia da esperança de Ernst Bloch<sup>11</sup> por meio da leitura de sua obra principal, o “Princípio da Esperança”<sup>12</sup> (*Das Prinzip Hoffnung*,

<sup>8</sup> AMADO, J. Deus e a História. **O contributo de Jürgen Moltmann para a compreensão e para a vivência do dogma trinitário a partir da experiência eclesial latino-americana hodierna**. 1987 Tese - Departamento de teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1987, pp. 76-88.

<sup>9</sup> KUZMA, C. **A esperança cristã na “ Teologia da Esperança”**. 45 anos da Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann: sua história, seu caminho, sua esperança, In: *Pistis* (1) 2009 p. 446.

<sup>10</sup> GIBELLINI, R. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 2012, pp. 279-181 Também conferir MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, pp. 27-33

<sup>11</sup> Ernst Bloch nasceu na Alemanha, em uma família judia, no dia 8 de Julho do ano de 1885. Destaca-se como um importante filósofo neomarxista. Entre suas contribuições para a filosofia contemporânea pode-se perceber, com maior importância, a filosofia das práxis. Entre suas obras de maior expressão dentro do cenário brasileiro destacam-se “O espírito da Utopia”, “Thomas Müntze, Teólogo da revolução” e, por último, “O princípio da esperança”

<sup>12</sup> J. Moltmann descreve a experiência que teve ao ler “O princípio da Esperança” da seguinte forma: " Minha reação imediata foi: ' Por que a teologia cristã tem negligenciado essa temática da esperança, que é tão distinta de sua própria', e ' O que resta, no cristianismo atual, do espírito de esperança que animava o cristianismo primitivo?" MOLTSMANN, J. *apud* MUELLER, E. Apresentação da 3. Ed. São Leopoldo, 2005. In: MOLTSMANN, J. **Teologia da esperança**. Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, São Paulo: Teológica, 2005, p. 14 Sobre a influência do “Princípio da esperança” na “Teologia da Esperança” ver GIBELLINI, R. **A teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 2012, PP.286-291.

em alemão). Seu intento em formular uma teologia da qual o centro da reflexão fosse a esperança cristã para evidenciar a orientação escatológica do cristianismo.<sup>13</sup> Sua crítica tem como objetivo demonstrar que Jesus não é um Deus epifítico, tal como pensava a filosofia grega sobre os deuses gregos.<sup>14</sup> Antes, a ressurreição de Jesus não se trata apenas de uma entronização após um período de humilhação enquanto cumpria seu ministério terreno e por meio de seus sofrimentos na cruz, mas ela evidencia que Jesus tem um futuro próprio que infunde esperança na vida daqueles que creem nele.<sup>15</sup>

A “Teologia da Esperança”, portanto, é o início de uma trilogia teológica que tem a esperança como tema central de sua reflexão. Ela é responsável por reconduzir a esperança para dentro da escatologia e, por consequência, demonstrar a importância da segunda para o cristianismo. Nessa teologia, o evento da ressurreição é o centro da ação do Deus que cumpre sua promessa ao resgatar do mundo dos mortos o Seu filho amado. Esse resgate faz com que Cristo antecipe as promessas que serão cumpridas no futuro, dando aos cristãos uma experiência parcial, por meio do Espírito Santo, da comunhão com Deus, justiça e paz.

Por se tratar de uma obra que trabalhará a ressurreição de Jesus Cristo como o fundamento da esperança cristã, ela não se dedica em formular com precisão a pessoa do Espírito Santo como o terceiro membro da Trindade e, além disso, raramente irá fazer menção à missão que o Espírito desempenha dentro da esperança cristã e da Escatologia propriamente dita. Nossa intenção, sendo assim, é, a partir deste momento, fazer uma abordagem da forma com que J. Moltmann irá articular o Espírito Santo e a ressurreição e de como ele é pensando como aquele que garante as promessas sendo responsável por fazer com que os crentes, ainda no presente, experimentem o que é guardado para eles junto com Jesus Cristo.

---

<sup>13</sup> Sobre a orientação escatológica do cristianismo J. Moltmann diz: “O escatológico não é algo que adere ao Cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã, aquilo que dá o tom a tudo que há nele, as cores da aurora de um novo dia esperado, que banham tudo o existe” Cf. MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 2

<sup>14</sup> Para ler sobre as críticas que J. Moltmann faz, conferir MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, pp. 175-189.

<sup>15</sup> MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003, pp. 287- 288.

### 3.1.1.1.

#### O Espírito Santo na ressurreição de Jesus

Como já mencionado a cima, a “Teologia da Esperança” de J. Moltmann desenvolve um Cristologia em articulação com a escatologia, ou seja, Jesus, em sua ressurreição, garante aos homens que Deus cumprirá sua promessa.<sup>16</sup> O fato de Jesus ser ressuscitado é um importante componente para o desenvolvimento da reflexão teológica que J. Moltmann apresenta, pois ela é a “irrupção e promessa certa do domínio vindouro de Deus em todas as coisas, como vitória da vida de Deus sobre a morte”.<sup>17</sup>

A ressurreição é pensada como uma antecipação do futuro escatológico em que Deus é o próprio destino da humanidade<sup>18</sup>. O evento da ressurreição possui um horizonte escatológico que fomenta a possibilidade da Ressurreição dos mortos, isto é: a crença judaica de que Deus haveria de ressuscitar os mortos que foram justos enquanto viveram é um aspecto relevante para que a ressurreição de Jesus fosse plausível<sup>19</sup>

A aceitação do evento da ressurreição de Cristo é, portanto, um conhecimento cheio de esperança e de expectativas. Neste evento é percebida a latência da vida eterna, a qual, a partir da negação do negativo, da ressurreição do Crucificado e da exaltação do Abandonado, se eleva até o louvor de Deus. No evento da Ressurreição deste único homem se percebe a tendência para a ressurreição de todos os mortos. Compreende-se a intenção de Deus, pelo fato de, na dialética do sofrimento e da morte, ser entrevista a esperança da vida e da ressurreição<sup>20</sup>

A ressurreição de Jesus, entretanto, não é apresentada como um mero retorno à vida, tal como era pensado na crença judaica no que diz respeito à ressurreição, mas tem-se a concepção de que Jesus, ao ser ressuscitado, possui um

<sup>16</sup> MOLTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p.164

<sup>17</sup> Ibid, p. 233

<sup>18</sup> Cf GARCÍA, B. **Cristo de esperanza**. La Cristología escatológica de J. Molmann. 1985 Tese – Facultad de Teología, Universidad Pontificia de Salamanca, Salamanca, 1985, p. 168

<sup>19</sup> Sobre o horizonte escatológico dos Judeus e a ressurreição de Jesus, ver PANNENBERG, W. **Teologia Sistemática V. 2**. Santo André: Academia cristã, São Paulo: Paulus, 2009, pp.492-494.

<sup>20</sup> MONTSMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 246

corpo que, sendo cheio do Espírito Santo<sup>21</sup>, é novo e pode comunicar vida a todos os homens.<sup>22</sup>

J. Moltmann apresenta o Espírito Santo como aquele que é responsável pela ressurreição<sup>23</sup>. Ao pensar em termos paulinos, o Espírito Santo é aquele que vivifica Jesus Cristo<sup>24</sup>. A ressurreição de Jesus é o início de uma nova criação que é o fruto do poder de Deus por meio do Espírito Santo<sup>25</sup>. Portanto, para J. Moltmann, ele é concebido com a fonte da vida, aquele que regenera o corpo de Jesus Cristo e lhe dá o poder de fazer o mesmo com todos aqueles que aderirem à fé no ressuscitado.<sup>26</sup>

O Espírito Santo que ressuscita Jesus dos mortos com poder vivificador é o mesmo que foi enviado por Jesus<sup>27</sup> para que habite na vida de cada Cristão. O “Espírito não é algo que cai do céu ou sobe entusiasticamente ao céu, mas aquilo que nasce do evento da Ressurreição de Cristo e é prelúdio e arras de seu futuro, do futuro da ressurreição universal e da vida”.<sup>28</sup> É por meio do Espírito Santo que Deus faz com que aqueles que acreditam em Jesus vivam em comunhão com Ele e lhes garante que as promessas serão cumpridas. Pode-se pensar, a partir disso, que o Espírito Santo é o “Arras do futuro” que Deus promete em Jesus. Iremos dedicar a próxima seção para uma abordagem mais específica sobre esse tema.

### 3.1.1.2 O Espírito Santo como Arras do futuro

O evento da ressurreição de Jesus é pneumatológico no que diz respeito ao poder que vivifica Jesus e o resgata do mundo dos mortos. A partir disso, o presente se abre ao futuro de Jesus que, ao retornar dos mortos, antecipa a

<sup>21</sup> O corpo de Jesus é um “corpo pneumatizado”, ou seja, um corpo que ao ser vivificado pelo Espírito Santo agora possui uma natureza espiritual. Cf BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Editora Academia cristã, 2008, p. 210.

<sup>22</sup> SANTANA, L. F. **Liturgia no Espírito**. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, São Paulo: Editora reflexão, 2015, pp. 108-109.

<sup>23</sup> Para encontrar outro texto nos quais ele aborda o assunto, ver MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Editora academia cristã, pp.370-392;

<sup>24</sup> MONTMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 246.

<sup>25</sup> SANTANA, L. F. **Liturgia no Espírito**. O culto cristão como experiência do Espírito Santo na fé e na vida. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, São Paulo: Editora reflexão, 2015, p. 108

<sup>26</sup> MONTMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, pp. 246-247.

<sup>27</sup> Sobre a questão do envio do Espírito Santo ver MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora vozes, 2011, pp.185-194.

<sup>28</sup> MONTMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 246.

comunhão com Deus, a justiça e a plenitude de vida – tudo isso em um sentido parcial. Essa experiência é presenteada aos cristãos por meio do Espírito Santo que faz com que os homens consigam, ainda no presente, experimentar, na esperança, as promessas feitas por Deus.

Cristo ressuscitou e foi arrancado à morte, mas os seus ainda não estão arrancados da morte; tão somente através da esperança têm eles participação na vida da Ressurreição. Como se vê, a Ressurreição está presente neles em esperança e como promessa. Trata-se da presença escatológica do futuro, e não da presença cultiva do eterno. O crente não encontra, já agora no culto e no Espírito, a participação plena no senhorio de Cristo, mas pela esperança é introduzido nas tensões e oposições da obediência e do sofrimento no mundo<sup>29</sup>

A esperança que os cristãos experimentam e os vivificam ainda no presente, orientando-os pelas promessas do Reino de Deus, faz com que os homens desenvolvam suas vidas com um olhar crítico para a realidade na qual ainda estão inseridos. Essa esperança é confirmada e garantida pelo Espírito Santo que “instala o homem na tendência daquilo que está latente na Ressurreição de Jesus e intencionado pelo futuro do ressuscitado”.<sup>30</sup> Cesar Kuzma, sobre isso, acrescenta dizendo que “é Deus com seu Espírito que nos faz olhar para a frente e perceber a grandiosidade do futuro que vem; ele cativa-nos na esperança e motiva-nos na ação, trazendo para o nosso tempo na história a novidade vivida e apresentada por Jesus de Nazaré, em seu tempo. Aí se encontra a nossa esperança, garantida pelo Espírito”<sup>31</sup>

O Espírito Santo que faz com a esperança seja sentida na vida de comunhão com Jesus e seu ministério detém a prerrogativa de ser o seu guardião. A esse aspecto do Espírito Santo e de Ele garantirá<sup>32</sup> que a promessa será cumprida, J. Moltmann denomina “Arras”. Partindo de uma teologia paulina que faz uma interpretação equivalente ao denominar o Espírito Santo como penhor da promessa de Deus, J. Moltmann compreenderá a terceira pessoa da trindade como aquela que é a guardiã da esperança, das promessas que os homens aguardam na esperança. O Espírito Santo vivifica o cristão, inserindo-o na comunhão com

<sup>29</sup> MONTMANN, J. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Herder, 1971, p. 184

<sup>30</sup> Ibid, p. 247

<sup>31</sup> KUZMA, C. **A Esperança no Espírito**. Uma abordagem escatológica a partir da pneumatologia de Jürgen Moltmann, In: Anais do Congresso ANPTECRE, v. 5 2015, p. sn

<sup>32</sup> PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Dominum et vivificantem**, de 1986, N° 66. Disponível: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/encyclicals/documents/hf\\_jpii\\_enc\\_18051986\\_dominum-et-vivificantem\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem_po.html). Acesso: 04/07/2016

Jesus - participando de seu sofrimento, por exemplo - garante que a promessa que ele espera, por meio da esperança que lhe foi doada por Deus, e também impulsiona todos os homens que escolherem a fé na ressurreição a seguirem o caminho de Jesus Cristo.

Na teologia da Esperança, portanto, o Espírito Santo é o poder pelo qual Deus realiza a obra da ressurreição, resgatando Jesus do mundo dos mortos. A ressurreição de Jesus inaugura um novo tempo, pois pelo envio do Espírito Santo aos homens, ele dá aos seus discípulos e discípulas o dom do Espírito Santo que faz com aquelas sintam que a promessa que aguardam na esperança será cumprida por Deus. Essa promessa que lhes é garantida, também é experimentada em termos parciais à medida que eles estão passivos à atuação do Espírito vivificante em suas vidas, lhes dando um olhar crítico frente à realidade histórica na qual estão inseridos. Essa é realidade divergente em termos de justiça, paz e liberdade que, prometidas por Deus no futuro, são aguardadas e experimentadas por eles através da esperança que o Espírito Santo infunde em seus corações.

### 3.1.2. O Espírito Santo no livro “O Deus crucificado”

“O Deus crucificado” foi escrito em 1972 e é o segundo livro que compõe a “Trilogia da Esperança”. J. Moltmann propõe, com essa obra, fazer uma integração entre ressurreição e a crucificação. Retornando ao tema da crucificação, ele deseja enfatizar que o ressuscitado é o crucificado.<sup>33</sup>

No livro é desenvolvida uma teologia da cruz que nasce do ambiente de sofrimento<sup>34</sup> no qual J. Moltmann estava inserido ao viver sua juventude como um prisioneiro no acampamento para presos em Norton Camp<sup>35</sup>. Para J. Moltmann, antes de ser uma morte para expiar os pecados da humanidade, a crucificação que Jesus sofre e culmina em sua morte, faz com que todos aqueles que o seguem

<sup>33</sup>MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003, p.288.

<sup>34</sup>J. Moltmann retrata o ambiente que sofreu no prefácio de “O Deus crucificado”. Cf. MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora academia cristã, 2014, p.18 Também conferir MOLTSMANN, J. **Vida, Esperança e Justiça**. Um testamento teológico para a América Latina. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008, pp.40-41

<sup>35</sup> Norton Camp foi um acampamento de prisioneiro situado na Inglaterra para soldados exército alemão que desejavam estudar teologia e desenvolver uma vida cristã.

também sejam mortos, podendo, assim serem, também participantes com Ele da ressurreição prometida por Deus.<sup>36</sup>

Como nosso objetivo não é o de fazer uma abordagem profunda dos aspectos da teologia da cruz que J. Moltmann desenvolve, iremos separar a abordagem de dois principais temas fomentados nesta obra: 1) A questão do sofrimento e a morte de Deus; 2) O sofrimento como solidariedade à dor dos homens.

J. Moltmann desenvolve sua teologia da cruz para fazer uma exposição da possibilidade de Deus realmente sofrer. Esse aspecto é proposto para fazer uma crítica a uma concepção de Deus apático, imóvel. No grito de Jesus, ele encontrará a expressão que aponta que em Deus é possível existir sofrimento:

Quando a fé no crucificado contradiz todos os conceitos de justiça, beleza e moralidade do homem, então a fé do ‘Deus crucificado’ está contradizendo tudo o que o homem entende, deseja e espera do termo “Deus”. Dificilmente alguém desejará que ‘Deus’, o ‘ser supremo’ e o ‘bem maior’, seja presente e manifesto no abandono de Jesus na cruz<sup>37</sup>

J. Moltmann irá utilizar expressões que ele encontra nos livros do Novo Testamento para se referir ao o que ocorreu na cruz quando Jesus foi crucificado. “Entrega” e “abandonado” são termos que são apropriados para desenvolver sua reflexão propondo uma abordagem que conseguisse expressar o evento paradoxal. Ele irá desenvolver o conceito de entrega de Jesus por Deus no momento da crucificação utilizando um trecho de um texto de W. Kramer:

Aqui o fato de Deus entregar o seu filho é uma das afirmações mais incríveis do Novo Testamento; nós precisamos compreender essa “entrega no seu sentido mais pleno e não atenuar seu sentido como um “envio” ou “presente”. Aqui aconteceu o que Abraão não precisou fazer a Isaac: Cristo foi entregue intencionalmente pelo pai ao destino da morte; Deus o lançou nos poderes da perdição, seja isso o homem ou a morte..., Deus fez Cristo pecado (2Cor 5.21), Cristo é o amaldiçoado de Deus... A theologia crucis é expressa aqui em uma radicalidade insuperável

Essa entrega para a morte, no momento da cruz, transforma-se em abandono de Jesus por Deus. Ali, o Pai afasta-se do Filho, abandonando-o<sup>38</sup> à “sorte” do seu

<sup>36</sup> MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003, p.288

<sup>37</sup> MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora academia cristã, 2014, pp. 58-59

<sup>38</sup> Sobre o abandono de Jesus na cruz B. Carra de Vaux nos diz: “O abandono (sobre a cruz) nada possui de ‘prova mística’, mas é a angústia do homem justo entregue à perseguição de seus inimigos, e de quem Deus aparentemente nem mais se lembra, uma vez que não vem para o

sofrimento. Porém, mesmo abandonando o Filho, o Pai continua amando-o e sente a dor, por ele também estará no Filho, daquele que Ele abandonou. Essa união do Filho e o Pai que estavam separados só é possível pelo amor, que é dom do Espírito Santo. Sobre a missão do Espírito Santo no drama da cruz iremos fazer uma abordagem nas páginas nas quais falaremos sobre o Seu lugar em “O Deus crucificado”.

O Jesus abandonado por Deus sofre com as dores que a cruz lhe proporciona em solidariedade aos homens que sofrem as mais diversas mazelas do mundo. Para J. Moltmann, Jesus, na cruz, assume o lugar junto aos excluídos e abandonados pelo mundo, sofrendo juntamente com eles. Deus aproxima-se de todos e todas que choram e clamam por ajuda em meio ao sofrimento próprio de um mundo caído.<sup>39</sup>

Na cruz, Jesus revela um Deus que é capaz de se compadecer das dores humanas, Um Deus que se revelada nas dores dos desprezados como um amigo que estende as mãos para auxiliar. A esses, Jesus promete a ressurreição, a esperança de que o sofrimento, a cruz que eles carregam, não é o final, mas o lugar no qual a esperança de um novo recomeço brota.

A relação de Jesus com homens e mulheres que sofrem revela que o Deus cristão não fica em silêncio diante das mazelas que cada pessoa enfrenta diariamente, mas revela-se como companheiro que experimenta o sofrimento ao lado daqueles que o mundo abandonou.

### 3.1.2.1.

#### O Espírito Santo no como amor que une o Pai e o Filho

Como já mencionamos anteriormente, as primeiras duas obras que compõem a “Trilogia da Esperança” são dedicadas a fomentarem uma reflexão teológica sobre a missão do Espírito Santo de maneira direta. O que J. Moltmann fornece são pequenas evidências nas quais ele articula as três pessoas da trindade

---

proteger” *apud* DUQUOC, C. **Cristologia**. Ensaio dogmático II. O Messias. São Paulo: Loyola, 1980, pp.36-37. Para uma outra abordagem sobre o tema do abandono de Jesus ver SOBRINO, J. Jesu Cristo liberador. Lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret. Madri: Editora Trotta, 1991, pp.303-305 e FORTE, B. **Jesus de Nazaré**. História de Deus, Deus na história. Ensaio de uma Cristologia como história. São Paulo: Paulinas, 1985, pp.284-296.

<sup>39</sup> MOLTSMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora academia cristã, 2014, pp.343-353.

com os diferentes momentos das missões do Filho e Espírito Santo. É possível dizer, sendo assim, que ele promoverá uma teologia que articule Trindade com o tema da crucificação.<sup>40</sup>

A cruz é interpretada em termos trinitários pois, J. Moltmann concebe o evento tendo a participação das três pessoas da Trindade. O Pai que abandona o Filho, o Filho que se entrega, e é entregue pelo Pai, e o Espírito Santo que é o amor que garante a união entre Deus Pai e o Filho<sup>41</sup>, mesmo na tensão da cruz que promove o abandono.

O Pai desenvolve no Filho a correspondência para o amor que ele expressa pelo Filho, que, por consequência dá ao Espírito Santo a função de suscitar nos homens o amor para corresponder à iniciativa divina.<sup>42</sup> “Assim, a Trindade não é um círculo fechado em si mesmo, no céu, mas um processo escatológico, aberto para o homem no mundo, que sai da cruz de Cristo. Nela Jesus é rejeitado pelo Pai, sofre a morte dos sem-Deus para que todos possam ter comunhão com ele”<sup>43</sup>

O que aconteceu na cruz foi um evento entre Deus e Deus. Foi uma profunda divisão de Deus em si mesmo, à medida que Deus abandonou a Deus e se contradisse e, ao mesmo tempo, foi uma unidade em Deus, à medida de que Deus era um com Deus e correspondia de maneira paradoxal: Deus morreu a morte dos ímpios na cruz e, ainda assim, não morreu. Deus está morto, mas, ao mesmo tempo, não está<sup>44</sup>

Na separação entre o Pai e o Filho, o Espírito Santo desenvolve o Dom de amor para unir as pessoas da Trindade, com orientação voltada para o futuro escatológico. Esse Espírito, portanto, na Teologia da cruz, é Espírito de amor que promove união em um ambiente de profunda separação.

Na cruz, o Pai e o Filho estão profundamente separados pelo desamparo e, ao mesmo tempo, são cada vez mais, de forma interna, um só em sua entrega. O que precede desse evento entre o Pai e o Filho é o Espírito que justifica o ímpio, enche o desamparado de amor e até ressuscita os mortos, já que, até mesmo o fato de estarem mortos não os exclui desse evento da cruz; a morte em Deus também os inclui.<sup>45</sup>

<sup>40</sup>MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora academia cristã, 2014, pp. 308-309.

<sup>41</sup> LADARIA, L. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, pp.335-343

<sup>42</sup> MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Editora academia cristã, 2014, p.313

<sup>43</sup> LADARIA, L. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, p. 89

<sup>44</sup> MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia cristã, 2013, p. 237.

<sup>45</sup>Ibid, p. 307.

Se no livro a “Teologia da Esperança” o Espírito Santo ainda não recebia tanto espaço na reflexão de J. Moltmann além do que lá destacamos, no “O Deus crucificado” é perceptível um aprofundamento na questão pneumatológica, evidenciando uma preocupação maior com o tema. A terceira pessoa da trindade passa a ser compreendida em sua missão própria. Do completo abandono, de forma dialética, nasce o amor que unifica.<sup>46</sup>

O Espírito Santo, ainda de modo inicial e pouco desenvolvido em termos de espaço da reflexão, abre a trindade aos homens por meio da sua ação de amor. A problemática se encontra no fato de que a forma como J. Moltmann compreende a função do Espírito Santo na cruz, faz com que a Terceira Pessoa da Trindade seja vista apenas de forma passiva, sem de fato possuir um elemento divino semelhante ao Pai e o Filho.<sup>47</sup>

O Espírito Santo é o amor criativo de Deus que faz com que todas as contradições sejam dissipadas por meio do amor. Ele abre a história ao Deus que concede vida e paz, fazendo com que os homens possam, também, fazer parte da comunhão da Trindade. A retomada da importância da Terceira Pessoa da Trindade vai levar J. Moltmann a desenvolver uma história do Espírito Santo que rumo em direção a glorificação de Deus. A partir disso, o Espírito Santo começa a ser pensado como aspectos relacionados à sua missão, o que vai trazer elementos que caracterizam sua personalidade.

Ao pensar o Espírito como vínculo de amor, ele deseja dizer que ao ser separado do Filho ao abandona-lo na cruz, Pai e o Filho “necessitam” de que um terceiro, isto é, o Espírito Santo que sempre os uniu na eternidade, traga reconciliação ao que por meio da cruz sofrer ruptura. Segundo J. Moltmann, “o Espírito santo é portanto aquele que, na separação, une; aquele que faz a ligação entre a união e a separação do Pai e do Filho entre si”<sup>48</sup>

É perceptível que a Trindade é pensada por J. Moltmann em termos que se distanciam de um absolutismo do Pai em relação as outras pessoas da Trindade,

<sup>46</sup> Cf MCDUGALL, J. **Pilgrimage of Love**. Moltmann on the Trinity and Christian Life. New York: Oxford, 2005, pp. 58-62.

<sup>47</sup> Cf Ibid, pp. 67-69.

<sup>48</sup> MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p.94.

deixando claro a mesma dignidade das pessoas, que é expressada pelas relações de mutuo amor.

É a partir de sua compressão de pericórese que J. Moltmann desenvolverá sua doutrina da Trindade em que as pessoas estão em conexão umas com as outras pela ação do Espírito Santo que desenvolverá uma comunhão igualitária, sem subordinações. Segundo Josias da Costa Junior, “Ele concebe a Trindade como comunhão de vida, porque a circularidade pericorética da vida trinitária constitui a unidade”<sup>49</sup>, e é isso que faz com que a percepção de J. Moltmann sobre a comunhão da Trindade, e sua unidade, seja diferenciada.

Ele não é apenas o vínculo de amor entre o Pai e o Filho e entre homens e Deus, ele também é encarregado da missão escatológica de glorificar o Pai e unificar toda a criação, transformando todas as coisas pelo seu poder vivificante.<sup>50</sup> A reflexão trinitária de J. Moltmann é influenciada pela ideia de Karl Rahner – no que diz respeito a relação entre Trindade imanente e Trindade econômica - de que a Trindade imanente é a Trindade econômica, entretanto o teólogo protestante radicalize essa afirmação ao compreender que essa correlação entre os dois “momentos” vai além de um dado epistemológico. Para ele, o evento da cruz, por exemplo, faz parte do ser da Trindade. O evento da crucificação não revela apenas o amor solidário de Deus pelos homens, mas, também, a própria verdade constituinte da Trindade.<sup>51</sup>

Essa abordagem trinitária da Cruz, faz com que ele desenvolva aspectos importante sobre a atuação do Espírito Santo, definindo-a como uma ação de amor. Esse amor nasce da profunda contradição entre o Pai e o Filho, superando-a e revelando a perfeita união na e da Trindade.

---

<sup>49</sup> JUNIOR, J. **O Espírito criador**. A ecologia da teologia trinitária de Jürgen Moltmann. (2008) Tese - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 100

<sup>50</sup> Essa nova ênfase em relacionar o Espírito Santo à transformação da criação tem origem no encontro que J. Moltmann teve com a teologia oriental, principalmente Esse encontro emergiu de reuniões ecumênicas promovidas pelo Conselho Mundial de Igrejas, que também possibilitou a J. Moltmann um contato mais profundo com outras interpretações sobre o Espírito Santo. Cf MCDUGALL, J. **Pilgrimage of Love**. Moltmann on the Trinity and Christian Life. New York: Oxford, 2005, p. 78.

<sup>51</sup>Cf. Ibid, p. 60-62.

### 3.1.3.

#### O Espírito Santo no livro “Igreja no poder do Espírito”

O livro “A Igreja no poder do Espírito” foi escrito no de 1975 e é a última obra da “Trilogia da Esperança”. J. Moltmann dedica-se a falar, por meio dessa Obra, de uma Igreja que nasceu do poder do Espírito e deve percorrer o seu caminho dentro da história, utilizando-se desse poder para manter sua fidelidade ao caminho idealizado por Jesus. Para Baptista Modin, essa obra é “a obra mais sistemática de Moltmann. Nela, o autor estuda a Igreja em sua natureza, suas funções, seus ministérios e suas relações com o mundo e com o Reino de Deus”<sup>52</sup>.

O seu desejo em desenvolver uma reflexão Eclesiológica com uma orientação pneumatológica nasce da crise que ele identifica na própria igreja protestante alemã que ele era membro<sup>53</sup>. Ele desejava contribuir para a revitalização que a igreja protestante, em solo alemão, precisava experimentar após a segunda guerra mundial, e por isso se dedica a desenvolver uma eclesiologia marcada pela atuação do Espírito Santo. Sua proposta tem como núcleo uma eclesiologia que indicasse que a igreja deve ser livre, sem nenhuma filiação com o Estado alemão que pudesse prejudicar a sua missão. Essa Igreja não seria pensada a partir de termos e expressões tradicionais, mas a partir dos textos bíblicos e, principalmente, a missão que ela desenvolve na força do Espírito Santo.

Espírito Santo nesta obra está em profunda relação com a comunhão que a Igreja experimenta com Cristo. Ele faz com que a Igreja se mova, pelas forças da nova criação que já experimenta pela antecipação das promessas realizadas por Jesus, em direção ao futuro com Deus, sendo “Sacramento do Reino de Deus” anunciando a esperança que ela experimenta.

Por entendermos que este livro expõe diversos temas importantes, e igualmente complexos, iremos destacar – entre toda a contribuição à Pneumatologia que J. Moltmann realiza – dois aspectos: 1) O Envio do Espírito Santo como sacramento do Reno e 2) A Igreja no poder do Espírito Santo. Esses dois tópicos correspondem aos últimos capítulos do livro.

---

<sup>52</sup> MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século vinte**. São Paulo: Teológica, 2003, p.290.

<sup>53</sup> MCDOUGALL, J. **Pilgrimage of Love**. Moltmann on the Trinity and Christian Life. New York: Oxford, 2005, p. 72.

### 3.1.3.1.

#### O Espírito Santo como sacramento do Reino de Deus

J. Moltmann, no quinto capítulo do livro, “Igreja no poder do Espírito, que estamos abordando nesta seção, desenvolverá uma Eclesiologia em perspectiva pneumatológica. Uma Igreja que experimenta a presença do Espírito Santo, em íntima comunhão, sinalizará o Reino de Deus a partir de suas ações. Essa Igreja vive a experiência de estar no caminho do futuro com Deus que a espera, e, por isso, pode viver dentro da dinâmica de uma “vida de libertação”, ela anuncia aos homens a esperança que a faz uma comunidade direcionada para uma plena vida com Deus.

Desta forma, J. Moltmann desenvolve o quinto capítulo a partir de sua posição que considera o envio do Espírito Santo como sacramento do Reino de Deus. Para ele, o Espírito Santo é entendido como “dom escatológico”, isto é, aquele que tem a função de apontar o mistério de Deus revelado por meio de Jesus e criar a fé<sup>54</sup>

Desta forma, Jesus é o sacramento primordial a partir do Espírito Santo que faz com que as pessoas o conheçam, ao ser revelado em sua vida, morte e ressurreição, e infunde fé nos homens que se encontrem com ele. A Igreja, igualmente, é o sacramento fundamental à medida que, pelo poder do Espírito Santo, desempenha as ações que sinalizam o Reino de Deus e sua Justiça.<sup>55</sup>

No dom escatológico do Espírito Santo, “palavra e sacramento”, “ministérios e carismas” tornam-se compreensíveis como revelações e poder de Cristo e de seu futuro. Como revelações simbólicas de Cristo, são as mediações messiânicas da salvação. Como glorificação de Cristo, são ações de esperança em direção ao Reino<sup>56</sup>

O envio do Espírito Santo passa a ser um sinal sacramental à medida que desenvolve sua missão junto à Igreja e à humanidade. Ele opera no mundo revelando Jesus, o mistério de Deus, e na Igreja como aquele que concede poder para que ela continue o seu caminho, dentro da história. Esse futuro prometido que é, em parte, já experimentado, é abraçado pela esperança que a ressurreição garante aos homens à medida que, pelo Espírito Santo, esse mistério é revelado.

<sup>54</sup> MOLTSMANN, J. **A Igreja no poder do Espírito**. Santo André: Editora academia cristã, 2013, p.269.

<sup>55</sup> Ibid, p.265.

<sup>56</sup> Ibid, p.269.

Posto isso, percebe-se que para J. Moltmann, o Espírito Santo não está afastado de Jesus e a Igreja no que diz respeito a ser um sinal do Reino vindouro, antes, Ele também é sacramento, por ser responsável por apontar Jesus como a revelação de Deus e fazer a Igreja, pelo seu poder, ser sacramento de Deus ao sinalizar pelas ações de Jesus Cristo que existem em sua história o Reino que há de vir.<sup>57</sup>

### **3.1.3.2.**

#### **O Espírito Santo e a comunidade: a relação entre Espírito Santo e a Igreja**

Nesta última parte, iremos fazer uma abordagem de como J. Moltmann desenvolve a relação da Igreja que vive no processo do Espírito Santo. Como já mencionamos, desenvolveremos apenas essa e a primeira parte da Pneumatologia que J. Moltmann expõe ao mostrar a articulação entre Igreja e Espírito Santo. Desta forma, é preciso esclarecer a própria definição de Igreja que ele formula ao desenvolver esse tema.

A Igreja, segundo J. Moltmann, é o povo de Deus que foi reunido pelo Espírito Santo, o mesmo que faz com que a Igreja viva na dinâmica do Reino de Deus por meio do Seu poder<sup>58</sup>. Essa Igreja vive no processo do Espírito Santo que vivificou, reuniu e faz com que ela continue atuando como sinal do Reino de Deus.

Os sinais que a Igreja expressa são resultado da sua própria experiência com o Espírito Santo que dá a ela a capacidade de vivenciar, ainda no presente, dentro da história humana, aquilo que só experimentará plenamente do futuro que Deus lhe prometeu<sup>59</sup>. Por isso, a Igreja é uma comunidade capaz de experimentar a paz que existirá no Reino vindouro a partir do serviço de imitação dos gestos e ações de Jesus.<sup>60</sup>

Pelo Espírito Santo, a Igreja está vivenciando a nova vida que lhe é concedida por Deus. A mesma nova vida antecipada por Jesus em sua ressurreição

---

<sup>57</sup> Ibid, pp. 261-269.

<sup>58</sup> Ibid, p. 269.

<sup>59</sup> Ibid., p. 375.

<sup>60</sup> Ibid., pp. 370-371.

agora é sentida, na esperança, pelo Espírito Santo que a vivifica. J. Moltmann compreende que, a partir da nova vida, os homens reunidos como uma comunidade, a Igreja, são dotados dos carismas para atuarem como “povo messiânico” encarregado de anunciar a chegada do Reino de Deus.

Ao Espírito Santo, segundo, J. Moltmann, ainda é encarregada a tarefa de promover a comunhão entre aqueles que estão presentes na Igreja. Por isso, a doação dos carismas não divide ou faz com que a Igreja seja fragmentada, antes aqueles que são dotados pelos carismas servirão uns aos outros para que o Reino seja sinalizado a partir dos atos de cada pessoa da comunidade, que ao final torna-se ato da própria comunidade. A pluralidade na comunidade é possível, pois a nova criação – aquela que será plenamente experimentada no futuro – é diversificada, tendo a diferença como um aspecto positivo.<sup>61</sup>

#### **3.1.4. Síntese**

A “Trilogia da Esperança” é fruto dos primeiros escritos teológicos de J. Moltmann. Nela, é possível perceber a sua intenção em desenvolver os temas que envolvem Cristologia e Escatologia a partir da esperança, que é a sua chave hermenêutica.

A Pneumatologia, como já mencionamos, não é o objeto principal das suas reflexões, o que não quer dizer que J. Moltmann não desenvolve, sem maiores aprofundamentos, temas que estão articulados com a Terceira pessoa da Trindade.

Nessas três primeiras obras, o Espírito Santo aparece em poucos momentos, com exceção do terceiro livro que é uma clara articulação entre Espírito Santo e a Igreja, mas já indica o caminho que J. Moltmann vai percorrer no desenvolvimento de sua Pneumatologia com orientação escatológica.

O primeiro indicativo de uma Pneumatologia lida a partir da Escatologia surgiu em seu livro “Teologia da Esperança”. Apesar de não ser o objetivo principal de sua abordagem, o Espírito Santo é apresentado, a partir de termos paulinos, em profunda relação com a ressurreição e a forma com que os homens vão se relacionar com ela.

---

<sup>61</sup> Ibid., pp. 273-379

É possível perceber que na “Teologia da Esperança” o Espírito Santo tem algumas funções dentro do evento escatológico da ressurreição bem específicas e pouco desenvolvidas, o que mais tarde mudará com publicações que enfatizavam esses aspectos.

O Espírito Santo é o poder de Deus para fazer com que Jesus retorne à vida e, como já mencionamos, não se trata de retorno a uma condição de vida que o levaria a morte novamente; a vida que o Espírito Santo concede a Jesus é totalmente nova, ela é o símbolo da superação de toda morte.

A influência da Pneumatologia Paulina na compreensão de J. Moltmann sobre a missão do Espírito na Escatologia levará o teólogo alemão a sublinhar, ainda, a função de garantir e fazer com que os homens experimentem as promessas que Jesus garantiu com sua ressurreição. J. Moltmann dirá que o Espírito é o penhor das promessas, Ele tem a responsabilidade de assegurar aos homens que receberam as promessas, na esperança, que elas serão cumpridas e, então, eles gozaram de seus benefícios de forma plena.

No segundo livro que compõe a trilogia, “O Deus crucificado”, ao fazer sua abordagem sobre a participação trinitária na crucificação, ele irá utilizar o conceito de Espírito como amor que une Deus e Jesus na vida “ad intra” para fomentar a concepção de que é o Espírito Santo que vai fazer com que o Pai e Filho, que estavam separados pelo horror da cruz, sejam reconciliados no amor.

Mais uma vez apontamos uma dupla função do Espírito Santo, entretanto agora no evento da crucificação, que para J. Moltmann é um momento que revela aspectos das relações que as pessoas da Trindade mantêm.

Em um primeiro momento, o Espírito é o vínculo de amor que unifica o Pai e o Filho, rompendo com toda contradição criada pela cruz. Esse evento faz com a Trindade se abra à humanidade, à história. O Espírito convida toda criação a fazer parte da grande festa da comunhão trinitária. Conseqüentemente, o segundo momento da atuação do Espírito Santo como vínculo de amor faz com que ele rompa uma segunda contradição ou barreira. A separação que existia entre Deus e os homens, toda a criação, é superada pelas forças criativas do amor que o Espírito faz emergir dessa relação que antes só havia sido articulada em termos de distanciamento. Agora, a criação que recebe o Espírito na festa do Pentecostes começa a vida a dinâmica escatológica da transformação, Deus e sua criação se

aproximam gradativamente até o futuro em que ambos experimentarão a plena comunhão.

Por último, “A Igreja no poder do Espírito” será responsável por demonstrar que uma Igreja que tem Jesus por seu fundador irá necessariamente ser carismática, isto é, viverá pela força do Espírito Santo. Nesse livro, é possível perceber um maior esforço de J. Moltmann para desenvolver um texto que, de modo geral, trabalha a pessoa do Espírito Santo de maneira mais clara e mais extensa.

Na próxima seção deste segundo capítulo, iremos fazer uma abordagem sobre a Pneumatologia moltmanianna desenvolvida na segunda etapa de sua trajetória teológica. De maneira geral, ele retomará alguns temas que já foram abordados em seus primeiros escritos, porém com maior aprofundamento e mais maturidade.

### 3.2

#### **O Espírito Santo nas “Contribuições para teologia sistemática”**

A segunda etapada da produção teológica de J. Moltmann iniciou-se com a publicação do livro “Trindade e Reino de Deus” (Trinität und Reich Gottes em alemão) em 1980. A série de contribuições para a Teologia Sistemática nasceu do desejo de J. Moltmann de aprofundar algumas questões sobre as quais ele já havia refletido e outras que ainda não abordara em seus primeiros livros. Com essas contribuições, ele deseja, mais do que criar uma “dogmática”, contribuir, a partir de suas percepções, para que os temas teológicos tradicionais possam ter, modestamente, uma nova forma de abordagem e entendimento. Reconhecidamente, pelo próprio autor, suas contribuições são limitadas e desejam apenas refletir sobre os pontos principais da teologia.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, pp. 11-15.

### 3.2.1 O Espírito Santo no livro “O Deus crucificado”

No primeiro livro – “Trindade e Reino de Deus” –, J. Moltmann propõe uma abordagem sobre a Trindade e sua relação com o Reino de Deus. A partir da vida de Jesus Cristo ele irá desenvolver seu pensamento trinitário que, para nossa pesquisa, irá contribuir para uma melhor percepção da missão do Espírito Santo e sua relação com o Pai e o Filho. Desta forma, desejando delimitar os temas relacionados à Pneumatologia que encontramos nesse primeiro livro, iremos limitar nossa abordagem à noção do Espírito Santo como sujeito a partir de sua missão escatológica de glorificar a Deus e unir a criação com o seu Criador.

O Espírito Santo, para J. Moltmann, é a força que Deus utiliza para enviar seu Filho ao mundo. É nele e por meio dele que Jesus procede do Pai<sup>63</sup> e faz com que haja na Trindade o vínculo de amor essencial para que exista perfeição nas relações. Assim, para J. Moltmann, a igualdade e a relação entre as pessoas divinas são desenvolvidas a partir do conceito de pericórese<sup>64</sup>, ele o utilizará para desenvolver a ideia de que a diferença que existem entre as três pessoas da Trindade é o elemento importante para que haja unidade entre elas.<sup>65</sup>

Cabe ressaltar, apesar de nossa abordagem não incluir o pensamento trinitário do autor de modo específico, que nessa mesma obra J. Moltmann desenvolve o modelo social da Trindade com implicações políticas.<sup>66</sup> Esse modelo social é pensado a partir de sua crítica ao monoteísmo cristão, que para ele causou alguns erros dentro da Igreja ao longo dos séculos por enfatizar a servidão e o senhorio de uma única pessoa de forma arbitrária e contrária à Trindade, que é comunhão de pessoas<sup>67</sup>. A raiz desse sistema se encontra no modelo que regênciava absoluta que vai identificar nas teologias trinitárias do ocidente. Para ele, a noção

---

<sup>63</sup> Cf. *Ibid.*, p. 88.

<sup>64</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 182-183.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 182.

<sup>66</sup> Cf. LADARIA, L. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005, pp.285-288.

<sup>67</sup> MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, pp. 197-203.

de poder absoluto não pode ser aplicada a Deus, pois essas concepções não encontram base em textos bíblicos.<sup>68</sup>

Sua proposta para superar o conceito de monoteísmo, com um forte elemento, monárquico encontra suas bases na doutrina de João Damasceno da eterna pericorese<sup>69</sup>. Para J. Moltmann, as relações que as pessoas da Trindade constituem por meio do mútuo amor consegue fazer das diferenças um detalhe essencial para a unidade. “Pelo conceito de pericorese fica afastado qualquer subordinacionismo na doutrina trinitária”<sup>70</sup>

A intensão de J. Moltmann em enfatizar a diferença e unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo o levará a tratar a questão da personalidade do Espírito Santo de uma forma mais específica e clara. Diferente dos outros livros nos quais não é possível perceber com tanta clareza se o Espírito Santo é uma pessoa da trindade tanto quanto o Pai e o Filho, no livro “Trindade e Reino de Deus” sua preocupação em desenvolver as diferenças entre as pessoas divinas para ressaltar a união faz com que os aspectos sobre a personalidade do Espírito Santo sejam trabalhados.

Para desenvolver a ideia de como Espírito Santo, diferente de outros livros que ele geralmente usa fontes paulinas, ele buscará nos textos joaninos os fundamentos bíblicos para sua reflexão<sup>71</sup>. A sua intenção é compreender se de fato o Espírito Santo desenvolve uma ação que afete o Pai e o Filho<sup>72</sup>, o que para J. Moltmann revelaria que o Espírito Santo é um sujeito tal como as outras pessoas que se relacionam na Trindade.<sup>73</sup>

A proposta de J. Moltmann para evidenciar que o Espírito Santo é uma pessoa partirá de sua compreensão de que a Terceira Pessoa da Trindade possui

---

<sup>68</sup> Ibid., pp. 197-203.

<sup>69</sup> Ibid., p. 182.

<sup>70</sup> Cf. Ibid., p. 183.

<sup>71</sup> Ibid., p. 135.

<sup>72</sup> Mais tarde, no livro “Deus na criação”, ele vai repetir essa mesma ideia da seguinte maneira: “O Espírito também atua como sujeito, não somente sobre as pessoas, mas também sobre o Filho e o Pai, a saber na glorificação do Filho e do Pai. O Espírito Santo deve ser encarado como sujeito divino em todos os lugares, onde ele é mencionado conjuntamente com os sujeitos divinos do Pai e do Filho” Cf MOLTSMANN, J. **Deus na criação**. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 148.

<sup>73</sup> MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p. 135.

uma missão escatológica que alcançará o ápice com a glorificação do Pai por meio de Jesus Cristo.<sup>74</sup>

Buscando refletir sobre a questão da missão do Espírito Santo que une Pai e Filho no evento da cruz e, conseqüentemente, abre a Trindade à união escatológica com toda a criação, J. Moltmann retorna aos elementos que já havia abordado no livro “O Deus crucificado”. Sua compreensão do Espírito como vínculo de amor vai permear sua reflexão sobre a ação do mesmo, que o responsável por glorificar o Pai e uni-lo com a criação.

Para ele o Espírito Santo a partir da Cruz, culminando com o seu envio na festa do Pentecostes, inicia um processo inverso nas missões divinas. Se, antes o Espírito era enviado pelo Pai por intermédio do Filho, com o envio do Espírito Santo<sup>75</sup> e o início de sua missão essa ordem se inverte, revelando o Espírito como o protagonista desse novo momento na vida da Trindade.

O Espírito Santo, como atesta J. Moltmann, é uma pessoa divina, um sujeito tal como os outros sujeitos da Trindade, por ter a missão de unificar. De reconciliar toda a criação com o criador<sup>76</sup>. Essa característica da missão do Espírito será explorada por ele para identificar aspectos que apontam que a Terceira pessoa da Trindade não é uma força divina, mas um sujeito que possui uma missão específica e importante.

O Espírito Santo com seu derramamento inicia o processo de habitação escatológica de Deus, que vem em direção a sua criação derramando o Seu Espírito para que todas as coisas comecem a ser renovadas por sua força vivificante.<sup>77</sup> Para ele, pela a habitação do Espírito, seja no coração da comunidade, ou na nova criação, Deus se torna cada vez mais familiar no seu próprio mundo. Isso ainda não acontece de uma forma perfeita pois o mundo ainda está imerso em pecado e, por isso, precisa ser renovado antes que Deus faça da criação sua morada.<sup>78</sup>

---

<sup>74</sup> MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p. 136.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 136.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p.136.

<sup>77</sup> MOLTSMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002, pp.19-21.

<sup>78</sup> MOLTSMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, p. 135.

A missão do Espírito, além do seu caráter unificador, expressa outro elemento importante: o Espírito Santo enviado pelo Pai trabalha para que Ele seja reconhecido e glorificado por toda criação que foi “libertada pelo domínio de Cristo”<sup>79</sup>.

Isso pode ser atestado pela própria essência da missão da Terceira pessoa da Trindade que consiste em criar a nova criação pelo seu poder e, a partir disso, fazer com que todas as coisas louvem a Deus e o glorifiquem. Toda essa ação faz com que haja uma inversão nas missões. Pela atuação do Espírito Santo e por meio de Jesus Cristo o Pai recebe todo o louvor que lhe é devido. Segundo J. Moltmann, “na glorificação do Espírito, os mundos e os tempos, os homens e as coisas reúnem-se ao Pai, para formar o seu mundo”.<sup>80</sup>

Na próxima etapa indicaremos a maneira pela qual J. Moltmann aprofunda suas considerações sobre a relação entre o Espírito Santo e a criação, indicando sua ação escatológica que transforma todas as coisas para que no futuro se torne habitação do próprio Deus de maneira definitiva.

### 3.2.2.

#### **O Espírito Santo no livro “Deus na criação”**

Para continuarmos nossa abordagem sobre algumas notas específicas da Pneumatologia de J. Moltmann na segunda etapa de sua reflexão teológica iremos, agora, abordar o Espírito Santo no Livro “Deus na criação”. Neste livro, J. Moltmann desenvolverá uma doutrina da criação a partir de sua própria reflexão, resgatando as características trinitárias e indicando sua abertura escatológica e afirmando o Espírito como o poder de Deus para criar todas as coisas.

Nossa intenção, nesta parte, é fazer uma abordagem que indique a maneira como J. Moltmann desenvolve sua reflexão sobre a relação entre o Espírito Santo e a criação. Portanto, é necessário dizer que não temos a pretensão de analisarmos todo o livro.

---

<sup>79</sup> Ibid., p.107.

<sup>80</sup> Cf. Ibid., p. 137.

O livro “Deus na criação” foi elaborado dentro de um contexto de grandes debates sobre os problemas ambientais, principalmente durante as crises dos anos 70 e 80. A atenção do mundo para essa questão emergencial faz com que, também, uma pergunta seja feita aos teólogos: De que maneira a teologia pode contribuir com o debate ecológico propondo soluções que tenham ações práticas e eficazes?

J. Moltmann deseja responder à essa pergunta escrevendo o livro com o objetivo de repensar a doutrina da criação e suas implicações para a relação entre cristãos e as questões ambientais.

Para tanto, ele deseja fazer uma releitura da doutrina da criação que, tradicionalmente relacionava o início de todas as coisas ao do Pai e ao Filho como o Logos divino, palavra da criação. A criação será compreendida como uma ação de todas as pessoas da Trindade, mas o Espírito Santo assume uma posição de destaque por ser aquele que doará vida.

Segundo Richard Bauckham, J. Moltmann desenvolve uma doutrina da criação que não compreende o Filho como o Filho-cósmico, como os padres pensavam. O filho é o mediador entre Deus e a Criação, mas é o Espírito Santo que vai fazer a função de doar vida às todas criaturas, pois ele é a energia divina que tudo vivifica.<sup>81</sup>

A doutrina da criação que J. Moltmann fomenta em seu livro, já mencionado, destaca-se por fazer um forte apelo a uma compressão de que Deus, ao criar todas as coisas, pela ação do Espírito Santo, se faz presente em todos os seres vivos como criador e aquele que ama a sua criação.<sup>82</sup>

Segundo J. Moltmann, as ações do Pai e do Filho são, em todo momento, pneumáticas. Além de suas relações entre si, a relação com o mundo e os homens é possível a partir do Espírito Santo. O Espírito Santo, portanto, é aquele que, em relação com as outras duas pessoas da Trindade, atua na criação e na nova criação<sup>83</sup>. Utilizando as tradições bíblicas do Antigo Testamento, que conferem ao Espírito Santo o poder de criar, dar vida, J. Moltmann compreenderá a existência

<sup>81</sup> Cf. BAUCKHAM, R. **Theology of Jurgen Moltmann**. London: T&T, 1995, p. 186.

<sup>82</sup> Cf. BECK, D. **The holy spirit and the renewal of all things**. Pneumatology in Paul and Jurgen Moltmann. Cambridge: James Clarke & Co., 2010, p. 207.

<sup>83</sup> As questões que envolvem a função do Espírito na nova criação serão aprofundadas no último capítulo desse trabalho.

inegável da participação da terceira pessoa da trindade no momento da criação como a fonte de todo ato criativo de Deus.<sup>84</sup>

Devido ao constante fluxo do Espírito divino (ruah), as criaturas são “criadas” (bara); no Espírito existem e através do Espírito elas são “renovadas” (hadasch). Isto pressupõem que Deus sempre cria através e na força do seu Espírito e assim a presença de seu Espírito determina tanto a possibilidade quanto as realidades de sua criação.<sup>85</sup>

No Deus na Criação, ainda, é possível perceber uma ideia desenvolvida por J. Moltmann no livro “Trindade e Reino de Deus”. A Trindade, no evento da cruz, se abriu à humanidade por meio da ação unificadora do Espírito Santo que conduz todas as coisas a Deus. Para ele, também, será importante a questão da pericórese para que possa compreender as relações possibilitadas entre Deus e a criação que o Espírito. A comunhão da Trindade, seu amor incondicional e eterno, expressa que as pessoas, apesar de diferentes, coabitam umas nas outras pelo vínculo de amor que é o Espírito Santo<sup>86</sup>. Partindo desse pressuposto, ele vai propor uma coabitação entre Deus e o mundo. Deus e a criação estão mutuamente abertos a desenvolverem uma relação de mútuo amor. Essa relação entre Criador e criatura avança para um futuro de liberdade e justiça onde homens e mulheres são libertos completamente.<sup>87</sup>

A partir disso, J. Moltmann propõe que Deus não se relaciona com sua criação apenas como Pai, ou Senhor todo poderoso que transcende tudo que criou, mas também ele, no Espírito Santo, habita em sua criação. A relação entre Deus e a criação vive em um progresso constate, cada vez mais Deus se aproxima do mundo que criou. Segundo J. Moltmann, “através da doação e das forças do Espírito é experimentada uma nova presença de Deus na sua criação”<sup>88</sup>. Os homens experimentam Deus e sua comunhão no Espírito Santo, mas ainda é de uma forma incompleta, que leva os homens a desejarem um futuro com Deus onde se experimentará a comunhão de maneira satisfatória.<sup>89</sup>

<sup>84</sup> MOLTMANn, J. **Deus na criação**. Doutrina ecológica da criação. Petrópolis: Editora vozes, 1993, p. 28-29.

<sup>85</sup> Ibid., p. 28.

<sup>86</sup> Ibid., p.36.

<sup>87</sup> Ibid., p. 37.

<sup>88</sup> Cf. Ibid., p. 147.

<sup>89</sup> Ibid., pp.22 -23.

A presença do Espírito na criação, entretanto, não significa sua diluição, pois o Espírito Santo é o Espírito de Deus que tudo transcende, negando dessa forma qualquer tipo de panteísmo. Para J. Moltmann, o “Deus criador do céu e da terra está presente em cada uma de suas criaturas e na comunhão da criação através de seu Espírito cósmico [...] através das forças e das possibilidades do Espírito, o criador faz morada em suas criaturas, vivifica-a, mantém-nas em sua existência e as conduz para o futuro”<sup>90</sup>, isto é: Deus habita em sua criação por ser a fonte de vida para a mesma.

J. Moltmann desenvolve uma pneumatologia orientada pela sua compressão baseada em textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento de que o Espírito Santo é quem doa a energia divina necessária para que o mundo possa ser criado. Ele, entretanto, não estabelece apenas o início da criação como atuação do Espírito Santo. Ele vai além e enfatiza que o protagonismo do Espírito em relação ao universo criado acontece em outras duas etapas. O Espírito Santo que fornece vida no início é o mesmo que mantém a vida da criação após o seu início, guiando todas as coisas para o futuro glorioso com Deus onde todas as criaturas participarão da nova criação no Espírito.<sup>91</sup> Podemos dizer que a função do Espírito na criação tem sua importância no início, no presente e em seu futuro, “neste sentido, a história da criação é a história dos efeitos do Espírito divino”.<sup>92</sup>

Como já mencionamos no início desse trabalho, a nossa intenção não é fazer uma abordagem que de conta de todos os aspectos da Pneumatologia que J. Moltmann desenvolve em cada livro, reconhecemos que isso só poderá ser feito em outro momento e se houver uma oportunidade para escrever um texto que exigirá maior abrangência sobre o tema. Mesmo assim, nosso desejo foi o de destacar algumas notas, características, que o teólogo que estamos pesquisando fomenta sobre questões pneumatológicas que apontam um horizonte desconhecido ou faça releituras de aspectos tradicionais.

Nessa parte dedicada ao pensamento pneumatológico desenvolvido no livro “Deus na criação”, desejamos indicar que uma das características principais da sua obra e de sua reflexão pneumatológica é a de compreender o Espírito Santo como protagonista da criação ao afirmar, em boa parte do livro, que ele é a fonte

---

<sup>90</sup> Ibid., p.33.

<sup>91</sup> Cf. Ibid., pp. 32-35.

<sup>92</sup> Ibid., p. 33.

da vida para a criação e para o futuro da criação, futuro que é prometido por Deus. Para J. Moltmann, a Terceira pessoa da Trindade é a fonte de todo poder vivificante e por isso permeia toda criação. Com isso, para ele, o Deus criador que transcende todo universo faz um movimento de retorno à criação, habitando nela através do Espírito Santo. O Deus, que pelas forças criativas do Espírito Santo faz todas as coisas, habita em sua criação a conduzindo para o futuro escatológico em que ambos experimentarão a plena comunhão um com o outro.

### 2.2.3.

#### **O Espírito Santo no Livro “O caminho de Jesus Cristo”**

Na terceira obra que compõe suas contribuições à teologia sistemática, “o Caminho de Jesus Cristo”, escrita em 1989, J. Moltmann pretende formular uma Pneumatologia que, articulada com a Cristologia, é intitulada por ele como uma Cristologia pneumática. Essa obra se destaca por retomar os temas cristológicos que, em certa medida, já haviam sido comentados em outros livros do autor. Esses temas serão aprofundados e ampliados, principalmente no que se refere à relação entre o Espírito Santo e Jesus Cristo. É importante ressaltar que J. Moltmann fomentará um pensamento cristológico articulado com o Espírito Santo, mas em todo momento fugirá de subordinações entre as pessoas da Trindade, aspecto que ele tanto critica. Seu desejo em produzir uma Cristologia que fizesse uma articulação equilibrada com o Espírito Santo nasce de sua descoberta de que a atuação do Espírito é o primeiro aspecto da do ministério de Jesus.<sup>93</sup>

Desejamos ressaltar que, assim como em outros tópicos do capítulo, nosso desejo não é o de fazer uma pesquisa exaustiva sobre toda a Pneumatologia produzida pelo autor que pesquisamos. Desta forma, é necessário dizer que limitaremos nossa abordagem a dois itens em que o Espírito Santo é articulado com Jesus Cristo: 1) o Espírito Santo e o nascimento de Jesus e 2) a questão da Kenosis do Espírito Santo. Ambos os itens estão, como iremos desenvolver, interligados com a questão da Cristologia.

J. Moltmann, ao falar do Espírito Santo e o nascimento de Jesus, divide o tema em duas sessões diferentes: 1) o nascimento de Jesus Cristo do Espírito em

---

<sup>93</sup> Cf. MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Editora academia cristã, 2014, p. 124.

perspectiva histórica e 2) o nascimento de Cristo do Espírito em perspectiva teológica.<sup>94</sup>

Num primeiro momento, ao desenvolver a perspectiva histórica do nascimento de Jesus do Espírito Santo, J. Moltmann não deseja formular questões que estejam em maior relação com os estudos relacionados ao nascimento virginal de Jesus<sup>95</sup>. Antes, ele deseja evidenciar que a gravidez de Maria é obra do Espírito Santo, e o que nela era gerado era o Filho de Deus.<sup>96</sup>

Jesus, da sua geração até a sua entrega na cruz, está plenamente cheio do Espírito Santo. Sua vida se desenvolve a partir da dinâmica que o Espírito Santo concede a Ele. Jesus, segundo J. Moltmann atesta, em nenhum momento estava plenamente cheio do Espírito Santo. O Espírito, então, é aquele que promove em Maria a geração do Filho de Deus, obra do poder criativo que faz com Jesus encarne no ventre mariano.

Em um segundo momento, após desenvolver o nascimento em termos históricos -isto é: Jesus é Filho de Maria, mas foi gerado pelo poder do Espírito Santo para ser o Filho do Altíssimo que foi anunciado pelos profetas -, J. Moltmann tratará da questão do nascimento de Jesus por meio do Espírito Santo segundo a teologia. Ele abordará o Espírito Santo como aquele que gera em Maria Jesus, à medida que compreende que é por meio do Espírito que Maria engravidará. O Espírito Santo será entendido por ele como aquela que também possui o dom da maternidade. Essa maternidade do Espírito deve ser entendida a partir do conceito teológico que J. Moltmann desenvolveu em seu livro “Deus na criação” que designa o Espírito Santo como o gerador de vida.<sup>97</sup>

É importante salientar que o Espírito Santo na reflexão de J. Moltmann é pensado em termos femininos – no que se refere a geração de Jesus no ventre de Maria<sup>98</sup>. Essa mesma maternidade é atestada ao ser Ele a pessoa da Trindade que

<sup>94</sup> Cf. MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Editora academia cristã, 2014, pp.133-143.

<sup>95</sup> Ibid., p. 13.

<sup>96</sup> Como as questões relacionadas à mariologia não são o objetivo dessa pesquisa nós não iremos aprofundar o debate sobre Maria e o nascimento virginal de Jesus.

<sup>97</sup> MOLTSMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Editora academia cristã, 2014, pp.138.

<sup>98</sup> Uma questão que é importante ser salientada é a de que Maria, segundo ele, seria a encarnação do Espírito Santo por ser aquela que será responsável pela vida de Jesus em seu ventre. Para ele “A Maria “virgem”, humana e temporariamente, deve, então, ser considerada como uma encarnação simbólica e como forma humana do Espírito Santo. Para um maior aprofundamento sobre essa

tem a função de gerar nos homens que acolhem o gesto de amor divino na cruz, a nova vida que foi antecipada por Jesus em sua ressurreição.<sup>99</sup>

O nascimento pelo poder criativo do Espírito Santo garante que Jesus Cristo seja gerado por Deus, sendo Ele seu Pai. Mas a isso soma-se a compreensão de que O Espírito Santo seria a mãe divina de Jesus, a “virgem” que, simbolicamente, encarna em Maria. O nascimento de Jesus pelo poder criador do Espírito marca o início da esperança de que, a partir da ressurreição de Jesus, a todos os homens e ao mundo, o cosmo, será dada uma nova vida – é essa nova vida nos homens é sentida e vivida ainda não em seu caráter pleno, final. Isto também diz respeito ao cosmos que será renovado e reconciliado com Deus e os homens, plenamente no fim<sup>100</sup>. Nesse aspecto podemos dizer que o Espírito Santo, ao ser refletido em sua relação com o nascimento de Jesus, ganha uma percepção maternal, ou seja: Ele gera Jesus, como sua mãe divina, dando a Maria, sua mãe carnal a capacidade de conceber uma criança sem ter relações sexuais. O Espírito, posto isso, é a face maternal da Trindade.<sup>101</sup>

### 3.2.4. O Espírito Santo no livro “O Espírito da vida”

Em seu quarto volume de suas contribuições para a teologia sistemática, “O Espírito da vida”, escrito em 1991, J. Moltmann desenvolverá, mais diretamente, temas ligados à Pneumatologia. O Espírito Santo, como no “Deus na criação” é aquele que possui a força vivificante que gera vitalidade, em relação a criação, para a renovação da vida, e a comunhão com Deus e os homens

Desejamos delimitar nossa abordagem sobre a Pneumatologia no presente livro por entendermos que uma abordagem que abrangesse todos os temas desenvolvidos não seria possível apenas em um capítulo. Sendo assim, limitaremos nossa análise aos dois temas que consideramos relevantes dentro de um quadro maior do pensamento do livro. Abordaremos, desta forma, as seguintes

---

questão do feminino em Deus, ver WENDEL, E, MOLTMANN, J. **Hablar de Dios como mujer y como hombre**. Madrid: PPC, 1994.

<sup>99</sup> MOLTMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**. Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Editora academia cristã, 2014, pp.138-136.

<sup>100</sup> Ibid., pp. 142-143.

<sup>101</sup> Ibid., p. 143.

questões pneumáticas: 1) o Espírito Santo e a santificação da vida e 2) o Espírito Santo e a liberdade.

Ao vincular o Espírito a santificação da vida, a sua renovação, J. Moltmann parte do pressuposto de que a Terceira Pessoa da Trindade é responsável pela articulação entre o futuro escatológico - a nova vida com Deus - e o presente situado dentro da história dos homens, o momento que não se pode experimentar plenamente as promessas divinas. Essa articulação entre futuro escatológico e presente, já havia sido desenvolvida quando ele afirma, ainda na Teologia da Esperança, que o Espírito Santo é “arras escatológico”, aquele que foi designado para garantir o futuro e fazer com que os homens o experimentem parcialmente ainda no presente.<sup>102</sup>

A nova vida iniciada pelo Espírito Santo faz com que os homens entrem em uma dinâmica de santificação, progredindo dia após dia em relação a imagem de humanidade plenamente em comunhão com Deus, que Jesus antecipou em sua ressurreição.

Ao formular um novo conceito de santificação promovida pelo Espírito Santo, J. Moltmann diz:

“Santificação hoje” significa em primeiro lugar redescobrir a santidade da vida e o mistério divino da criação, defende-lo contra a manipulação da vida, contra a secularização da natureza e a destruição do mundo pela violência humana. Como a vida vem de Deus e pertence a Deus, ela deve ser santificada, por aqueles que creem em Deus. Como a terra não é uma “natureza sem dono”, mas sim a criação muito amada por Deus, devemos ir-lhe ao encontro com respeito e assumi-la no amor a Deus. “Santificação hoje” significa voltar a integrar-nos ao tecido da vida, de que a moderna sociedade isolou os homens e os vem distanciando cada vez mais.<sup>103</sup>

O Espírito santifica toda “carne”, pois seu derramamento tem amplitude universal, faz com que os homens desenvolvam uma relação renovada com a vida criada por Deus. A vida santificada é uma vida que não cabe mais dentro dos lugares de opressão e crueldade, antes aqueles que vivem nessa dinâmica lutam para que toda criação seja livre das opressões que a sociedade, secularizada, impõe.

---

<sup>102</sup> MOLTSMANN, J. **O Espírito da vida**. Uma Pneumatologia integral. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p.157.

<sup>103</sup> Ibid., p.166.

O homem santificado por Deus é integrado na comunhão da Trindade e tem sua vida plasmada pelo Espírito Santo. Ele será conduzido a uma nova existência, ainda não completa, que já pode ser experimentada como antecipação de um futuro que ele aguarda pela esperança, já garantida e sentida pelo e no Espírito Santo.<sup>104</sup>

Esse homem santificado experimenta a liberdade que flui da liberdade plena que é o próprio Deus. Desse ponto, partiremos para nossa abordagem sobre o segundo tema que envolve a Pneumatologia que J. Moltmann desenvolve em seu livro.

O Espírito Santo como fonte da liberdade é uma afirmação que tem seu ponto de partida em textos bíblicos do Novo Testamento que afirmam que, nos lugares onde o Espírito Santo sopra, atua, não há a possibilidade de existir – não por muito tempo, tendo em vista que ele gera anseio por uma libertação plena – “cadeias” que prendem os homens.

Aliada a essa noção que nasce do Novo Testamento, os textos da bíblicos tradicionalmente chamados de escritos do Antigo Testamento são utilizados por J. Moltmann para desenvolver a noção de uma liberdade, revolucionário e política, em certo sentido, que brota da comunidade que faz o êxodo ao deixar as opressões políticas e religiosas no Egito. O Espírito Santo é o agente dessa libertação que não está restringida ao âmbito subjetivo apenas, porém estende-se para todas as áreas da vida humana.<sup>105</sup>

O domínio de Jesus Cristo, em amor, não restringe a liberdade dos homens. A pergunta pela possibilidade de existir liberdade dentro de uma vida que é voltada para a comunhão com Deus é respondida ao ser identificado em Deus, o princípio de uma liberdade perfeita, isto é, uma liberdade que não é afetada pelo exercício da liberdade dos homens ou qualquer outra criatura.<sup>106</sup>

O Espírito Santo impulsiona os homens a viverem uma liberdade que vai além de ausência de domínio externo ou a superação de alguma barreira subjetiva. Essa liberdade vivenciada, na fé pelo Espírito Santo, é, de fato, “ser tocado pela energia da vida divina e no ter parte nela”<sup>107</sup>. Ela ganha acenos escatológicos ao

---

<sup>104</sup> Ibid., pp.168-169.

<sup>105</sup> Ibid., pp.101-103..

<sup>106</sup> Ibid., pp.106-110

<sup>107</sup> Ibid., p.115.

ser experimentada a partir da esperança pois aquele que sente-se livre, é livre para construir o Reino de Deus, desenvolvendo sua luta para que a criação que foi santificada possa experimentar a mesma liberdade.<sup>108</sup>

### **3.2.5. Síntese parcial**

Na segunda etapa de sua trajetória teológica, J. Moltmann desenvolve com maior profundidade e sistematização os principais temas abordados em seus primeiros livros. Sua intenção é trazer novas perspectivas, fazendo releituras de aspectos tradicionais ou fomentando um pensamento inovador. A Pneumatologia, que é foco do presente trabalho, ganha maior destaque e profundidade nas reflexões que por ele são apresentadas.

Nesse segundo momento de seu trabalho, o Espírito Santo é interpretado como a pessoa divina responsável por gerar comunhão e unidade na Trindade. Essa noção comprova-se no fato de que na cruz, a separação entre o Pai e Filho é superada pelo vínculo de amor que dilui toda a contradição existente. É em sua primeira obra, também, que ele se dedicará em destacar que o Espírito Santo deve ser compreendido como sujeito divino do mesmo modo que o Pai e o Filho são. Sua principal argumentação para demonstrar isso se encontra na própria missão do Espírito Santo.

A criação passa a ser santificada por Deus por ter sido reconciliada, vivificada, ao passar a interagir com o Espírito Santo que fomenta dentro dela a nova vida prometida por Deus, mas que, sendo antecipada na ressurreição, pode parcialmente ser sentida. Essa nova vida, por não ser totalmente a imagem do que será no futuro com Deus, faz com que o homem continue aguardando, pela esperança que o Espírito nutre em seus corações, a plena comunhão com Deus e Jesus.

Essa esperança que aponta para um futuro melhor e mais amplo, não faz com que os homens esqueçam de que estão inseridos em uma realidade que ainda possui opressões e desigualdades. Reunidos como Igreja, a comunidade messiânica, desenvolverá os sacramentos do Reino de Deus, sinais visíveis de um

---

<sup>108</sup> Ibid., p.119.

Reino que, ao ser trazido e posto em movimento por Jesus, agora é percebido pelas ações da Igreja quando ela promove luta por justiça, fraternidade e paz.